

Coronavírus: 92% das mães nas favelas dizem que faltará comida após um mês de isolamento, aponta pesquisa

“Muitas pessoas entraram na linha de pobreza da noite para o dia. O casal que trabalhava no shopping na semana retrasada, que recebia por semana, fez a compra da semana passada e nesta semana já não está mais trabalhando. Porque o shopping fechou, o patrão também quebrou. Hoje esse casal está com três filhos em casa, que não estão mais comendo na escola. Você tem o casal em casa, os três filhos e muitas vezes os pais do casal, idosos, que moram com eles.”

[\(BBC News Brasil, 02/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

É a partir da cena descrita acima que o produtor cultural Celso Athayde, fundador e coordenador geral da Central Única das Favelas (CUFA), organização fundada há 20 anos e que reúne 500 comunidades em todo o país, explica a situação de urgência que vivem os 13,5 milhões de brasileiros que moram nas favelas e depararam-se, subitamente, com a chegada do coronavírus ao Brasil.

Na tentativa de levar ajuda a essas comunidades que até agora não foram contempladas com um plano público nacional específico de combate à covid-19, o desafio, diz Athayde, era definir quais deveriam ser as pessoas a receberem socorro e doações prioritariamente nas iniciativas assistenciais da CUFA.

Pesquisa realizada pelo Data Favela e pelo Instituto Locomotiva aponta que as favelas do Brasil têm 5,2 milhões de mães. Destas, 72% afirmam que a alimentação de sua família ficará prejudicada pela ausência de renda, durante o isolamento social. 73% dizem que não têm nenhuma poupança que permita manter os gastos sem trabalhar por um dia que seja. 92% dizem que terão dificuldade para comprar comida após um mês sem renda. Oito a cada

dez dizem que a renda já caiu por causa do coronavírus, e 76% relatam que, com os filhos em casa sem ir para a escola, os gastos em casa já aumentaram.

“Os mais frágeis da sociedade são os moradores de favela. Os mais frágeis entre os favelados são as mulheres. E os mais frágeis entre as mulheres são as mães. Por que? Porque elas cuidam dos filhos, muitas vezes trabalham no emprego informal, costurando, fazendo unha, e ainda cuidam dos velhos. Porque todos os velhos, 90% dos idosos das favelas, são as mulheres que cuidam: sejam noras ou sejam filhas”.

E, diante da pandemia do coronavírus, a sobrecarga das mães da favela é também emocional: como cuidar de tudo isso, subitamente, sem renda. “Ela olha para o idoso, que é o pai ou o idoso, e fala: o que é que eu faço com ele? O que eu faço com as crianças? É desespero”, diz Athayde, a respeito dos dados da pesquisa.

As pesquisas do Data Favela, fundado por Athayde e Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva, são realizadas pelos moradores das comunidades, que são treinados e supervisionados pela equipe do instituto de pesquisa. Para este levantamento, realizado entre os dias 26 e 27 de março de 2020, foram entrevistadas 621 mulheres maiores de 16 anos, com filhos, moradoras de 260 favelas em todos os Estados do país. A margem de erro da pesquisa é de 2,9 pontos percentuais para mais ou para menos.

A divulgação da pesquisa faz parte das ações de lançamento, nesta quinta-feira (2), da campanha “Mãe de Favela”, criada para arrecadar recursos a serem distribuídos para mães das favelas em todo o país. A opção, explica o produtor cultural, é baseada em evidências e estudos, inclusive sobre o programa Bolsa Família, de que o dinheiro da assistência dado à mulher gera muito mais impacto social que o dado ao homem da família.

“A mulher controla melhor o orçamento doméstico, faz melhor uso do dinheiro e é a pessoa que cuida tanto das crianças quanto dos idosos, que são o grupo de risco para o coronavírus”, diz Renato Meirelles, do Instituto Locomotiva. “A certeza do bom uso do dinheiro tem a ver com essa escolha pela mãe de família”.

As beneficiadas receberão, por dois meses, um auxílio de R\$ 120 reais e batizado de “vale-mãe”. “Ela recebe os R\$ 120 no próximo dia 15. Cada favela está indo em busca desse perfil de mãe, definido a partir da pesquisa, para serem as primeiras beneficiadas”, diz.

O dinheiro será recebido pelo celular, a partir de uma parceria com a empresa de pagamentos e transferências PicPay, mediante cadastramento do CPF pelo telefone. O dinheiro do benefício será arrecadado pela CUFA por meio da campanha lançada na terça. A fase piloto começou com 5 mil mães, mas já têm 30 mil mulheres cadastradas. A intenção é, de acordo com a arrecadação, ampliar o valor e estender o período de concessão das bolsas.

A campanha, explica o produtor, já ganhou o apoio de empresas e artistas, como a cantora Iza, Lulu Santos, Zeca Pagodinho, Taís Araújo e Lázaro Ramos, Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank. A partir de amanhã, a ideia é que qualquer um possa ajudar com doações. “Lançamos o site para receber doações pelo PicPay e vamos criar uma vaquinha pelo site. Teremos auditoria da Pro Audit, uma auditoria respeitada, que vai auditar a contagem do site. Além disso, as empresas doadoras também designarão auditores próprios”. “Para que todos tenham a confiança de que o dinheiro tem objetivo claro”.

E o poder público?

Embora as favelas sejam apontadas como as regiões mais vulneráveis ao coronavírus, pela combinação da falta de espaço, escassez de recursos, poupança, estoque de comida e saneamento básico para manter as condições de higiene necessárias para evitar a propagação da doença, elas não foram contempladas em nenhum plano nacional específico de prevenção e combate à covid-19.

Meirelles, do Locomotiva, diz que, embora o início da pandemia tenha se dado na parcela mais rica da sociedade, a concentração demográfica e as limitações sociais das favelas representam, do ponto de vista da saúde pública, um risco também para quem mora no “asfalto”.

“Não é apenas um risco para as favelas, mas também para os moradores de outras regiões da cidade. Tem se feito essa discussão sobre saúde ou

economia, mas você não retoma a economia com uma pilha de corpos”, diz, em referência a falas como as do presidente Jair Bolsonaro, que defendeu a prática do “isolamento vertical”, que abrangeria apenas as pessoas que se encontram no grupo de risco — como idosos e portadores de doenças crônicas —, para que as demais pudessem voltar à normalidade e trabalhar.

“Na prática”, diz Meirelles, “quando se fala dos moradores de favela, estão usando o retrato da desigualdade para dizer que eles têm que voltar a trabalhar. Só que isso não existe. Não me parece digno que a sociedade obrigue que essas pessoas escolham de quem vão abrir mão da sua família para garantir a retomada da economia.”

Por Ligia Guimarães

Racismo e insegurança alimentar é tema de diálogo na #5CNSAN

(SEPPIR, 06/11/2015) Atividade integradora da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional foi realizada nesta quarta-feira (05)

Integrando a programação do segundo dia da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (#5CNSAN), foi realizada na noite desta quarta-feira (05) a atividade “Racismos, iniquidades de gênero e insegurança alimentar e nutricional - Um diálogo necessário”. O debate reuniu delegados, convidados e observadores que discutiram sobre o impacto dos racismos como determinantes sociais que promovem e mantêm as desigualdades para a população negra no Brasil.

A atividade também teve como objetivo produzir conhecimento e acesso à informação sobre racismo institucional, racismo ambiental, racismo

introjetado, iniquidades de gênero e insegurança alimentar e nutricional. De acordo com a ativista do movimento feminista negro do Paraná, Heliana Hemetrio, o racismo resulta em doenças físicas e psicológicas para negras e negros. “O Brasil é um país racista e isso é um agravante para a nossa saúde. Nós não nos damos conta que essa opressão no adocece física e psicologicamente, desenvolvendo doenças como hipertensão, diabetes... O racismo nos adocece e mata”, declarou Hemetrio. A ativista afirmou que uma das maneiras de enfrentar essa situação é fortalecendo a autoestima. “Temos que voltar a trabalhar a questão da autoestima para que possamos nos sentir pessoas íntegras para enfrentar o racismo de cada dia”, afirmou.

Para a representante do Ministério da Saúde presente na atividade, Lia Maria, o alimento tem importância para a saúde e a construção da identidade da população negra, destacando o papel das mulheres na promoção da segurança alimentar. “As mulheres estão no centro da segurança alimentar. São as quilombolas, as mulheres de comunidades tradicionais, as indígenas, marisqueiras, ribeirinhas, entre outras, que possuem e transmitem o conhecimento alimentar para seus grupos”, afirmou. Ela destacou como o racismo institucional prejudica o direcionamento das políticas públicas para a população negra. “O racismo institucional deslegitima nossas crenças, nosso modo de falar, nosso jeito de ser. Sem a titulação de terras quilombolas, por exemplo, não teremos onde cultivar nossos alimentos e garantir a segurança alimentar. Temos nosso próprio modo de plantar, colher e comer. A intolerância com os saberes culturais negros resultam em matérias que criminalizam o sacrifício animal em nossos rituais sagrados, por exemplo, enquanto não existe nenhum questionamento quanto às exigências que países importadores da carne brasileira fazem sobre o abate de animais”, declarou Lia Maria.

5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (#5CNSAN)

Com o lema “Comida de verdade no campo e na cidade: por direitos e soberania alimentar”, a 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (#5CNSAN) está sendo realizada entre os dias 3 e 6 de novembro no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília - DF.

Cerca de 2 mil pessoas de todas as regiões do Brasil, entre representantes da sociedade civil, indígenas, quilombolas, população negra, povos de terreiro, ciganos, estão reunidos com o objetivo de ampliar e fortalecer os compromissos políticos para a promoção da soberania alimentar, garantindo o Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável, assegurando a participação social e a gestão intersetorial no sistema, na política e no Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. A conferência é organizada pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Acesse no site de origem: [Racismo e insegurança alimentar é tema de diálogo na #5CNSAN \(SEPPIR, 06/11/2015\)](#)